

Capítulo 4

Questões feministas em revista: desafios e problemas da produção e publicação de ideias feministas

A forma de se produzir e divulgar ideias é um aspecto que não pode ser desconsiderado quando se procura retrair uma história das ideias feministas. Quem escreve, como se publica, onde e de que forma, devem constituir questões num trabalho desse tipo. Procuraremos, num primeiro momento, apresentar alguns elementos sobre as condições de produção e divulgação dessas reflexões nos anos 1970. A segunda parte do capítulo é dedicada a uma publicação específica, *Questions féministes*, que foi um importante meio de divulgação da reflexão materialista.

Condições materiais de produção de saberes feministas nos anos 1970

Os textos produzidos pelo movimento feminista foram veiculados sob diferentes formas: panfletos, brochuras, textos curtos de intervenção – publicados na imprensa de esquerda e na imprensa do próprio movimento –, manifestos e livros. O movimento buscava, assim, divulgar suas ações, o seu ideário, seus novos conceitos. Havia também cartazes¹, músicas, pichações e slogans², que conseguiam sintetizar em poucas palavras algumas de suas ideias centrais.

As primeiras reflexões do movimento foram veiculadas em instrumentos de caráter efêmero como panfletos e palavras de ordem. Ambos não demandam investimentos financeiros e militantes de maior porte como os necessários para a publicação de uma revista ou livro, não necessitam de um planejamento de longo prazo e podem ter um efeito imediato. Não passam também pelo crivo de uma editora.

Os panfletos foram usados para chamar ações do movimento, reuniões, divulgar ideias, posicionar-se em relação a um tema específico. Foram distribuídos em feiras, fábricas ou eram voltados para um público próximo do MLF. A partir de alguns deles, podemos comparar diferentes posições sobre um mesmo evento. Como exemplo, podemos citar três

¹ Para alguns cartazes produzidos pelo movimento ver: PAVARD, Bibia; ZANCARINI-FOURNEL, Michelle. *Luttes de femmes. 100 ans d'affiches féministes*. Paris: Les Echappées, 2013.

² CORINNE, App ; FAURE-FRAISSE, Anne-Marie ; FRAENKEL, Béatrice ; RAUZIER, Lydie *Quarante ans de slogans féministes. 1970/2010*. Paris: Éditions iXe, 2011.

panfletos divulgados durante uma manifestação homossexual e lésbica, realizada em 1977, considerada a primeira desse tipo na França, nos quais estão expressos três diferentes pontos de vista sobre um mesmo evento.³ Pode-se também ter acesso a posições minoritárias ou efêmeras que se exprimiam no seio de um movimento mas que não chegaram a ser publicadas sob a forma de textos de revistas ou outros tipos de materiais impressos. Os poucos registros deixados, por exemplo, pelo *Gouines rouges*, considerado o primeiro grupo lésbico na França, foram panfletos.

A partir desse tipo de documentos podemos recuperar também momentos da reflexão, os ensaios e tentativas de formular teoricamente uma questão e acompanhar um *processo* de produção teórico e não só o “resultado” final. Nos primeiros panfletos do movimento podemos acompanhar o processo de criação de alguns conceitos, suas primeiras utilizações e definições assim como, em alguns casos, sua desaparecimento do vocabulário de um certo momento. Analisar esse processo nos dá maior densidade histórica e uma visão menos teleológica dessa produção, tal qual procuramos fazer no capítulo anterior.

O problema desse tipo de material é que ele se encontra disperso. Podemos encontrá-los em arquivos pessoais e em dossiês temáticos. A parte da BnF reservada às “feilles volantes” constitui uma fonte privilegiada para este tipo de pesquisa, embora o acervo seja bastante limitado, dadas as circunstâncias de coleta⁴. Esses textos foram arquivados na categoria “recueils” como: “Mouvement pour la liberté de l’avortement et de la contraception”, “Mouvement pour la libération de l’avortement” e “Mouvement français pour le planning familial” e, sobretudo “Mouvement de libération des femmes” e “Mouvement de libération des femmes – non déposé”. Essas duas categorias nos remetem à divisão que se instaurou no movimento, após algumas integrantes do grupo “Psicanálise e Política” terem registrado o nome “MLF”, e foram conservadas dessa forma pela biblioteca.

Outra forma de divulgar ideias foram os slogans ou palavras de ordem. Como afirma Christine Delphy, há mais teoria num só slogan espontâneo do movimento que em muitos artigos teóricos.⁵ Sintetizando em poucas palavras ideias-chaves, estes permitiam uma

³ Um era assinado por “feministas, que como você deve ser adivinhado, são chamadas homossexuais (homossexuelles); um outro assinado por “Mulheres do Movimento de Libertação das Mulheres que chamamos de ‘heterossexuais!’” e um terceiro assinado por “Mulheres que vivem de outra forma”. Ver *Bulletin Archives, recherches et cultures lesbiennes*, n.6, dez. 1987.

⁴ Todas as publicações francesas devem destinar um exemplar à Bibliothèque National de France. Para maiores informações sobre o depósito legal, consultar o site da Bibliothèque National de France. http://www.bnf.fr/fr/professionnels/depot_legal.html. Materiais como panfletos dependem frequentemente de doações. Sobre a questão ver ZANCARINI-FOURNEL, Michelle. Tracts, presse et publications féministes... Op. Cit.

⁵ DELPHY, Christine. Un féminisme matérialiste est possible. *Nouvelles Questions féministes*, n.4, 1982, p. 55.

circulação rápida e barata de ideias. Proferidos em manifestações, escritos em faixas e cartazes do movimento, em títulos de revistas, eles marcam a história dessas mobilizações. Como exemplo podemos citar “Nosso ventre nos pertence”, “Crianças desejadas, crianças amadas. Nada de crianças na linha de montagem, nada de linha para as crianças. Nós teremos as crianças que nós queremos” para reivindicar a legalização do aborto; “Quando uma mulher diz não, é não” na luta contra o estupro e a violência sexual. Outros buscavam marcar uma posição clara em relação a um evento ou ideia “Festejadas um dia do ano, exploradas todos os outros do ano” (tradução livre de “Fêtées une journée, exploitées toute l’année”) em reação ao dia das mulheres; “Sua liberação sexual não é a nossa” contra algumas apropriações machistas da ideia de “revolução sexual”. Muitos tinham suscitar a crítica a partir do riso: “Mulheres e cães: mesmo combate: não ouvir mais assobios na rua” (“Femmes et chiens même combat: ne plus être sifflés dans la rue”); “Não é o pinto que nos incomoda, é o cara que vem entorno” (“Ce n’est pas la bite que nous dérange, c’est le mec qu’il a autour”). Como afirma Liliane Kandel, provocar o riso tinha um papel fundamental no seio do movimento.⁶ Alguns desses slogans circulariam por vários países, em versões traduzidas ou não como “uma mulher sem um homem é como um peixe sem uma bicicleta” ou “sisterhood is powerful”. Pode-se contar um pouco da história do movimento feminista da segunda onda a partir desse simples instrumento.

Já nos momentos iniciais do movimento textos foram redigidos, individualmente ou coletivamente, e divulgados, num primeiro momento, na imprensa de esquerda, que abriu suas colunas para a nascente mobilização e, num segundo momento, numa imprensa criada por integrantes do próprio movimento. Para o primeiro tipo, cabe destacar dois periódicos nos quais foram publicados dois textos “fundadores” do MLF: o jornal *L’Idiot International* e a revista *Partisans*.

O jornal *L’Idiot International* foi uma dentre as muitas publicações de esquerda que floresceram no pós-68 na França. O texto “Combat pour la libération de la femme”⁷ foi publicado em maio de 1970. Esse jornal publicaria também “La Révolution fera ménage” e o que ficou conhecido como o número 0 do jornal do movimento *Le Torchon Brûle*, publicado como suplemento do jornal *L’idiot libéré*, em novembro de 1970. Beauvoir estava na direção do jornal no período em que os dois primeiros textos foram publicados.

⁶ KANDEL, Liliane. Liliane Kandel, *Génération MLF*. (entrevista realizada por Maruani Margaret e Mosconi Nicole). *Travail, genre et sociétés*, n.24, 2010, p. 11.

⁷ ROTHENBURG, Marcia; STEPHENSON, Margaret; WITTIG, Gille; WITTIG, Monique. *Combat pour la libération de la femme*. *L’idiot international*, n. 6, mai 1970. Republicado em: COLLECTIF, *mlf/textes premiers*, Paris, Stock, 2009.

Partisans (1961-1972) foi uma revista publicada pela editora Maspero.⁸ Posicionada na “esquerda da esquerda”, tratava-se, segundo Jean-Pierre Debourdeau, da publicação “que mais influenciou a juventude radicalizada da época”.⁹ Tinha como eixo central a causa terceiro-mundista, embora estivesse aberta a outras temáticas, como o movimento negro, sexualidade etc.¹⁰ A publicação de um número duplo do *Partisans*, com 250 páginas, em 1970 (n.54-55), com o tema *Libération des femmes*, primeira publicação coletiva do movimento, tornar-se-ia um marco para a reflexão feminista naquele país e seria traduzido também para outras línguas. Entre as raras traduções de textos feministas franceses daquela época para o português (do Brasil), podemos citar a publicação de parte desse número sob o título *Liberação da mulher*¹¹. Dada a importância dessa publicação, cabem aqui alguns comentários.

Jacqueline Feldman rememora que procurou a Maspero inicialmente com o objetivo de encontrar uma editora que aceitasse o manuscrito de um livro escrito por ela e Anne Zelensky, que na época faziam parte do FMA: *Féminisme, sexualité et révolution*. Interessado pelo texto, Émile Copferman, diretor da editora, propõe transformá-lo para integrar um número da revista *Partisans* sobre o *women’s lib* estadunidense. Essa proposta foi o gatilho para um processo de produção coletiva de um número por parte do nascente movimento francês.¹²

A primeira parte da publicação é composta por traduções de textos estadunidenses. Alguns deles foram publicados originalmente em *Notes from the Second Year*¹³. Dentre os textos escolhidos, constam alguns que se tornariam “clássicos” no período, como *Un programme pour l’éveil d’une conscience’ féministe* (Um programa para despertar

⁸ A editora Maspero é definida por Julien Hage como um “ponto de confluência editorial da esquerda revolucionária, fonte de inspiração e lugar de debate teórico dos movimentos de pensamento e dos grupos emergentes para os quais constituía uma tribuna”. Editora independente, ela constituiu parte de um momento no qual “os espíritos revolucionários de um mundo em plena transformação incitavam o sucesso do livro político” les espoirs révolutionnaires d’un monde en plein bouleversement aiguillonnaient le succès du livre politique”. Para maiores informações consultar: HAGE, Julien. Maspero (Éditions). In: ARTOUS, Antoine et. al. *La France des années 1968*. Paris: Syllepse, 2008.

⁹ DEBOURDEAU, Jean-Pierre. Gauche critique avant 68. *Revue, Cercles...*In: ARTOUS, Antoine et. al. *La France des années 1968...* Op. Cit, p. 393.

¹⁰ Outros jornais e revistas também teriam essa abertura, como *Politique Hebdo, Actuel, Libération* (fundado em 1974), além de publicações ligadas a organizações de esquerda.

¹¹ DURAND, Emmanuelle et. al. *Liberação da mulher*. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

¹² FELDMAN, Jacqueline. Du FMA au MLF. Op. cit., p. 202. Embora algumas tenham considerado que ainda seria cedo para esse tipo de publicação (como algumas daquelas que compunham o grupo no qual estava Antoinette Fouque), muitas outras se interessaram pelo projeto e produziram textos para esse número.

¹³ *Notes from the Second Year: Radical Feminism*. (cuja editora responsável era Shlamith Firestone. Anne Koedt era editora associada. Ambas eram integrantes do grupo *New York Radical Feminists*. Trata-se de uma importante publicação do *Women’s liberation movement* nos EUA. Para maiores informações ver ECHOLS, Alice. *Daring to be bad...* Op. cit. (apêndice B “Brief Biographies of Women’s Liberation Activists”, pp. 389-385).

uma consciência feminista), de Kathie Sarachild (sobre os grupos de auto-consciência), *Le mythe de l'orgasme féminin* (O mito do orgasmo feminino), de Anne Koedt e manifestos de alguns grupos, como “Manifeste des Bas Rouges de New York”, do grupo *Redstocking*. Outros escritos foram extraídos de diferentes jornais e revistas estadunidenses.

A segunda parte é composta por textos franceses. Essa parte começa com um texto de Emmanuelle de Lesseps (que assina como Emmanuèle Durand) sobre o estupro – provavelmente um dos primeiros relatos críticos do estupro publicado por uma mulher na França –, que é seguido por diversos outros textos sobre aborto, frigidez feminina, um sobre maternidade, além do artigo de Christine Dupont [Delphy] *L'ennemi principal* (O inimigo principal). O texto original de Zelensky e Feldman, reduzido e transformado em artigo, constituiria a terceira parte desse número. Por fim, uma quarta parte contém textos diversos: sobre o trabalho doméstico *Le travail invisible* (O trabalho invisível), da argentina Isabel Larguia, *La révolution dans la révolution à Cuba* (A revolução na revolução em Cuba), assinado por Anne, além de dois textos assinados por Jean-François Godchaud, um militante trotskista e único homem a figurar na publicação, por causas que desconhecemos. Para Françoise Picq, esse número de *Partisans* já anunciava os grandes temas que norteariam o feminismo nos anos 1970 na França. A segunda parte seria publicada sob a forma de livro pela editora Maspero, em 1972.¹⁴

As dificuldades encontradas pelo movimento para publicar esse número especial da revista são ilustrativas de algumas dificuldades enfrentadas por tais mulheres para ver seus textos divulgados. Delphy afirma que o número teria sido “arrancado à duras penas do editor chefe dessa revista, Émile Copferman” que preferia que “especialistas” escrevessem sobre o assunto, fundamentalmente marxistas, o que representaria “comentários de homens sobre livros de outros homens”, feitos por “amigos machos da libertação das mulheres”, que não teriam nenhuma dificuldade em falar em nome das mulheres.¹⁵ Ainda segundo Delphy, numa espécie de “retaliação” por terem decidido que tal número fosse obra das mulheres do nascente movimento, um outro número com textos críticos ao movimento seria publicado.¹⁶

¹⁴ *Partisans*, n.57, jan.-fev.1971.

¹⁵ DELPHY, Christine. Nos amies et nous. Les fondements cachés de quelques discours pseudo-féministes [1977]. In : DELPHY, Christine. *L'ennemi principal I...* Op.cit., p. 166.

¹⁶ *Ibidem*, p.168.

Um artigo de Claude Alzon, *La femme potiche et la femme bonniche*¹⁷, igualmente crítico ao MLF, sairia num outro número da revista.¹⁸

A ideia de produzir um jornal próprio toma corpo já nos primeiros meses do movimento. Um boletim artesanal, mimeografado, foi produzido entre 1970 e 1971, mas seu alcance era certamente bastante limitado. No final do ano de 1970, sairia o n.0 do jornal do movimento *Le Torchon Brûle*, publicado como suplemento do jornal *L'Idiot International* e, no ano seguinte, o primeiro número publicado de forma autônoma. Seis números seriam publicados entre 1971 e 1973.

Nesse jornal, não havia distinção entre teoria, testemunho, debate, experiência, ficção, “tudo se mistura, se catapulta”.¹⁹ Qualquer mulher podia enviar textos, participar das reuniões, criticar. Não havia um comitê editorial que selecionasse os artigos ou uma instância central de decisão. “O jornal não é escrito por uma equipe de redação”, afirmam no jornal de n.2, mas por “todas aquelas que tenham desejo de escrever e que podem fazê-lo”.²⁰ Cada número tem sua história e sua equipe. A periodicidade era incerta, ou, como elas próprias definiam, era “menstrual”. A tiragem, segundo o boletim de n.2, era de 35.000 exemplares, difundidos em bancas de revistas, em feiras, escolas e outros locais. Uma grande parte do processo de confecção e difusão era feito pelas próprias militantes.

Esse jornal é bastante representativo do movimento nos seus primeiros anos. Ele exprime um momento de hegemonia de uma certa concepção de estruturação do movimento, que recusava organização, ordem, separação entre teoria e prática, compartimentação. É também um retrato de um movimento que, apesar das divergências, conseguia construir ações em comum.

A partir de 1974, o movimento entraria numa nova fase, e sua imprensa refletiria esse novo contexto. Há uma ruptura de uma unidade anterior e, como afirma Picq²¹, “sobre a decomposição da unidade desfeita” florescem as tendências e seus diversos jornais.²² Diferentes orientações do feminismo se exprimem na plêiade de revistas e jornais que aparecem nesse contexto: *Les Nouvelles Feministes*, da Ligue du droit des femmes;

¹⁷ *Partisans* n. 68, nov.-dez. 1972.

¹⁸ Em 1973, a Maspero publicaria esses dois artigos em um livro intitulado *La femme potiche et la femme bonniche. Pouvoir bourgeois et pouvoir mâle*.

¹⁹ PICQ, Françoise. *Libération des femmes...* Op. cit., p.144.

²⁰ Comment les femmes torchonne. *Torchon brûle*, n.2, s.d. [data aproximada:1971]

²¹ PICQ, Françoise. *Libération des femmes...* Op. cit., p.246-247.

²² Antes de 1974, poucos eram os jornais/revistas/boletins feministas publicados na França: um boletim do grupo anglófono *NOW or Never*, publicado a partir de 1973; a revista *Choisir*, a partir de abril de 1973 pelo grupo homônimo criado por Gisele Halimi.

L'Information des Femmes e *Le Temps des Femmes*; os jornais ligados ao grupo “Psicanálise e Política”: *Le Quotidien des Femmes*, *Des Femmes en Mouvements* e *Des Femmes en Mouvements Hebdo*; os jornais da tendência “luta de classes”, dentre eles, *Les Pétroleuses*, *Femmes Travailleuses en Lutte* e, mais tarde, *Le Cahier du Féminisme*; *La Revue d'en Face* que congrega antigas militantes da tendência luta de classes mas também de outras orientações; *Questions Féministes* “revista teórica feminista radical”; *Elles Voient Rouge*, revista de mulheres comunistas; assim como diferentes boletins de grupos, como *Nosotras*, do Grupo Latino-Americano de Mulheres, *Herejias*, igualmente produzido por mulheres latino-americanas, *Femmes algériennes en lutte*, dentre outros.²³ Em sua grande maioria, esses periódicos tiveram uma duração efêmera, em razão de dificuldades financeiras ou da brevidade da existência dos grupos que os promoviam, particularmente pelo primeiro fator.

Uma grande parte dessa imprensa dos anos 1970 era de tipo tradicionalmente militante, como afirma Kandel, pelo suporte adotado – trata-se frequentemente de boletins mimeografados com periodicidade e apresentação variadas –, pela natureza do trabalho – isto é, as militantes se ocupam não somente da redação, mas também da fabricação e da difusão – e pelo lugar ocupado por essa publicação, normalmente um subproduto de um grupo. Esse tipo de publicação enfrentou dificuldades de financiamento e de funcionamento. Trata-se de uma imprensa que vive “exclusivamente do trabalho gratuito e anônimo das mulheres que colaboram”²⁴, sustentado, em grande medida, por assinaturas e vendas igualmente militantes.

Mas, não havia apenas essa imprensa “militante”. No polo oposto, Kandel identifica produções de caráter mais institucionalizado e/ou profissional. Entre esses dois polos, surgiu uma gama de publicações de caráter híbrido. Particularmente a partir do final dos anos 1970, algumas revistas “militantes” se aproximam desse polo mais “profissional”, sem, entretanto, perderem algumas de suas características originais.

Na segunda metade dos anos 1970, algumas revistas, embora continuem a trabalhar basicamente a partir de uma mão de obra militante gratuita, transferem uma parte do trabalho para outros indivíduos ou empresas, particularmente os serviços de montagem e impressão do jornal assim como o trabalho de difusão.

O final da década marca também a emergência de revistas que se pretendem mais teóricas. *Questions Féministes* (1977-1980) e *Revue d'en Face* (1977-1983) são dois exemplos dessa tendência. Diferentemente de uma imprensa de divulgação rápida de ideias,

²³ PICQ, Françoise. *Libération des femmes...* Op. cit., 2011, p.246-248 e capítulo 22 “La galaxie féministe”.

²⁴ KANDEL, Liliane. *Des journaux et des femmes. Pénélope*, n° 1, 1979.

algumas dessas revistas visavam suscitar uma reflexão teórica mais aprofundada no seio do movimento e abrir espaço para a publicação de textos mais longos e densos.

Além dessas revistas, as “brochuras” foram também um instrumento do movimento. Mais longo do que um texto de intervenção de revista, esse material permite expor mais extensamente, de forma mais aprofundada ou detalhada, as reflexões do movimento. Dentre as brochuras, podemos destacar: *Sortir de l’ombre du féminisme bourgeois* (Sair da sombra do feminismo burguês), que nos permite revisitar as divergências internas às organizações de esquerda e da corrente “luta de classes”; *Avortement et contraception* (Aborto e contracepção), publicado pelo grupo “Psicanálise e Política” e que constituiu um dos raros textos publicados nos primeiros anos por essa tendência. As brochuras partidárias constituíam uma forma dos grupos políticos exprimirem seus pontos de vista sobre o feminismo.

Algumas militantes, mais ou menos próximas ao movimento, publicaram artigos sobre mulheres e feminismo em jornais/revistas de esquerda. No jornal *Libération*, uma página “femmes”, escrita por um grupo de mulheres, foi veiculada uma vez por semana a partir de 1974. Uma de suas jornalistas também publicou frequentemente textos sobre o tema, Martine Storti, que reuniu suas crônicas num livro publicado em 2010, *Je suis une femmes pourquoi pas vous? 1974-1979: Quand je racontais le mouvement des femmes dans Libération*²⁵. Outros textos podem ser encontrados na revista *Actuel* assim como em *Politique Hebdo*.

Uma revista de esquerda que foi particularmente aberta ao MLF foi a revista *Les temps modernes*. Nesta foram publicados diversos artigos sobre feminismo e temáticas que lhes eram caras. No início de 1974 todo um número especial da revista foi escrito por feministas, intitulado *Les femmes s’entêtent*. Esse tipo de publicação tinha uma certa abertura para o movimento e para sua forma de se exprimir. Sobre esse número Beauvoir afirma:

A liberdade foi princípio que presidiu a reunião destes. Não estabelecemos nenhum plano preconcebido. As mulheres – dentre as quais algumas permaneceram anônimas – espontaneamente escolheram falar de temas que lhes eram caros e nós acolhemos os seus escritos.²⁶

²⁵ STORTI, Martine. *Je suis une femme pourquoi pas vous ? 1974-1979: Quand je racontais le mouvement des femmes dans Libération*. Paris: Ed Michel de Maule, 2010.

²⁶ BEAUVOIR, Simone de. Preface. In: *Les femmes s’entêtent*. Paris: Gallimard, 1975, p.1.

O MLF valeu-se pouco de um instrumento político largamente empregado no contexto francês²⁷: os grandes abaixo-assinados. Mas um, lançado em 5 de abril de 1971, marcaria sua história: o Manifesto das 343 mulheres que declararam ter abortado, assinado por autoras, atrizes e figuras públicas entre elas Simone de Beauvoir, Colette Audry, Marguerite Duras e Christiane Rochefort.²⁸

Um milhão de mulheres abortam a cada ano na França. Elas o fazem em condições perigosas em razão da clandestinidade a qual elas são condenadas sendo que essa operação, praticada sob controle medical é cada vez mais simples. Faz-se silêncio diante desses milhões de mulheres. Eu declaro que sou uma delas. Eu declaro ter abortado. Assim como reivindicamos o livre acesso aos meios anticoncepcionais, reivindicamos o aborto livre.²⁹

Dentro do movimento, algumas polêmicas seriam levantadas em relação a uso de “grandes nomes” para chamar atenção para a questão. A estratégia foi considerada também como reformista. Annie³⁰, em suas memórias, descreve uma assembleia dividida em relação à questão. Mas, apesar disso, o abaixo-assinado foi publicado.

Somente uma pequena parte da produção do movimento assumiu a forma de livro. No final de 1972, algumas militantes mencionavam a formação de grupos orientados para a produção coletiva de livros: “Foi o caso para o **Le livre de l’oppression des femmes** (lançado pela editora Belfond), e é atualmente o caso para **Comment le MLF a changé ma vie**”.³¹ Em outros casos, a escrita coletiva foi um “prolongamento espontâneo de um grupo”:

o grupo sobre o aborto está atualmente finalizando *La maternité esclave* (título provisório); outros quatro livros estão sendo escritos em grupos dedicados sobre o corpo, o estupro, a homossexualidade (esse terá dois exemplares; que corresponderão a duas abordagens diferentes: uma do grupo ‘Psicanálise e política’ e outra do grupo Gouines rouges).³²

Um texto escrito sobre as feministas revolucionárias no *Le Torchon Brûle* n.5 menciona a ideia de escrever “um livro sobre a homossexualidade”.³³ Na introdução do livro

²⁷ Para a importância desses manifestos ver: SIRINELLI, J. *Intellectuels et passions française. Manifestes et pétitions au XXe siècle*. Paris: Gallimard, 1996.

²⁸ Para maiores informações sobre esse manifesto e sobre o perfil daquelas que o assinaram ver: PAVARD, Bibia. *Qui sont les 343 du manifeste de 1971?* In: BARD, Christine. *Les féministes de la deuxième vague*. Rennes: PUR, 2012.

²⁹ Un appel de 343 femmes. Reproduzido em: COLLECTIF. COLLECTIF. *MLF. Textes premiers*. Paris: Stock, 2009, p. 176.

³⁰ Para o relato de algumas dessas reações, ver: PISAN, Annie; TRISTAN, Anne. *Histoires du MLF*. Paris: Calmann-Levy, 1977, p. 67-69.

³¹ LESSEPS, Emmanuelle de; HENNEQUIN, Claude. *Trois ans de MLF. Actuel* n. 25 (novembre 1972).

³² Ibidem.

³³ Féministes Révolutionnaires. *Torchon brûle* n.5, s.d., p.9 [data aproximada: primeiros meses de 1973].

Libération des femmes, que republica os textos da segunda parte do número especial da *Partisans* de mesmo nome, evoca-se a ideia de criar uma coleção, e é anunciada a publicação de um livro intitulado *Révolte des femmes*, para 1972. Sugere-se também o envio de proposições e de manuscritos individuais ou coletivos para a caixa postal do movimento. Todos esses elementos nos indicam a existência de diversos esforços para materializar, sob a forma de livro, a reflexão que era realizada no seio do movimento. Entretanto, somente algumas dessas tentativas foram efetivadas. De todos os livros mencionados³⁴, além do *Le livre de l'oppression des femmes*, apenas dois outros chegaram ao final do processo: *Maternité esclave*³⁵ (Maternidade escrava) e um livro de memórias, publicado em 1976, *Mémoires du MLF* (Memórias do MLF)³⁶.

*Le livre de l'oppression des femmes*³⁷, publicado em 1972, foi escrito por diversas feministas e era composto por textos, poemas e trocadilhos sobre diferentes temas. Elas afirmam, nesse trabalho, que um livro sobre o trabalho doméstico seria lançado posteriormente, o que não parece ter ocorrido. A ideia de publicar *Maternité esclave* surgiu logo após o Manifesto das 343 mulheres que declaram ter abortado, no verão de 1971. A ideia era escrever um livro coletivo sobre o aborto mas, durante as reuniões, surgiu a ideia de escrever sobre a maternidade.

A maioria desses livros foi produzida de forma coletiva. Para algumas, como aquelas que redigiram *Maternité esclave*, o caráter coletivo da produção de conhecimento é uma consequência da própria organização do movimento, processo que não era desprovido de dificuldades:

Nós nos recusámos a escrever sozinhas, nós nos encontrávamos para agir, amar, rir, nós também queríamos escrever juntas. Escrever de forma coletiva, em um grupo de dez pessoas não é fácil para pessoas que, como todo mundo, aprenderam a escrever sozinhas e a ter inveja do que as pessoas escrevem. Tínhamos reuniões regulares, nas quais discutíamos coletivamente e, depois, aquelas que entre nós tinham vontade, escreviam um texto a partir desses encontros e debates, outras reescreviam esse primeiro esboço, até que o que capítulo fosse aprovado por todas.³⁸

³⁴ Infelizmente não encontramos traços dos manuscritos dos livros que não chegaram a ser publicados. Estes tematizam questões chaves e poderiam contribuir de forma importante para a reconstituição das ideias desse movimento, incluindo visões divergentes presentes no mesmo. Provavelmente alguns se perderam, mas a doação de novos arquivos permitirá, talvez, que alguns desses textos sejam consultados posteriormente.

³⁵ COLLECTIF. *Maternité esclave*, Paris, Union Générale d'Éditions, 1975.

³⁶ PISAN, Annie; TRISTAN, Anne. *Histoires du MLF*. Paris: Calmann-Levy, 1977.

³⁷ COLLECTIF. *Le Livre de l'oppression des femmes*. Paris: Pierre Belfont, 1972.

³⁸ *Ibidem*, p. 6.

Assim como o movimento pretendia inventar novas formas de militância, ele objetivava reestruturar a própria forma de produzir conhecimento. No entanto, esse tipo de proposta esbarrava com a resistência das editoras. Sem autor, sem unidade e uniformidade no estilo e na linguagem, esse tipo de obra não se adequava aos padrões do que era considerado um bom livro e, por essa razão, enfrentava dificuldades para ser publicado. As autoras de *Maternité esclave*, por exemplo, afirmam que “a recusa foi a resposta mais frequente” das editoras que procuraram. Essa recusa vinha não somente de editoras “reacionárias ou comerciais”, mas também de “editoras de esquerda”. O caráter coletivo da obra e a mistura entre “teoria” e “prática” foram os aspectos mais criticados e que motivaram a não-aceitação do manuscrito, mas argumentos de ordem estilística também eram empregados. “Será sempre preciso tomar como referências as normas imutáveis e determinadas pela literatura masculina? Ainda será preciso, por muito tempo, se submeter ao discurso masculino e rejeitar a fala, enquanto nós queremos estabelecer um diálogo entre todas as mulheres?”³⁹

Mesmo nas coleções especificamente sobre mulheres, que começaram a surgir desde os anos 1960, essas barreiras estavam presentes, como relatam, em um texto de 1978, algumas militantes:

Existe uma contradição evidente entre o projeto dessas coleções, que seria de permitir a emergência de uma expressão nova, diferente, e o fato de esquecer que, para que essa expressão fosse publicada, ela deveria passar por um comitê de leitura clássico, cujo papel era, sobretudo, de manter as ‘normas e os valores culturais’⁴⁰

Por essas e outras razões, houve tentativas de criar editoras vinculadas ao movimento, como as duas tentativas surgidas nos anos 1970: *Des femmes* e *Tierce*.

Des femmes é fundada em 1974, a partir da iniciativa de mulheres ligadas ao grupo “Psicanálise e Política”. No jornal *Le Tochon Brûle* n.5, anuncia-se o projeto de um espaço de enunciação não restringido pelos valores “capitalistas, paternalistas, oportunistas” de seus editores, um espaço para libertar a palavra das mulheres dos dispositivos de controle que interdita as ideias e sujeitos construídos pelo movimento. Embora as reuniões do projeto de edição fossem abertas a todas, o empreendimento ficou marcado pela vinculação com o grupo de origem. Na conferência de imprensa, em 1974, a editora delimita-se em

³⁹ COLLECTIF. *Maternité esclave*. Op. cit., p. 316.

⁴⁰ Les collections de femmes: une utopie ?, *Les Temps des Femmes*, n.8, nov. 1978, p.14.

relação ao MLF: “Não se trata de uma editora ‘feminista’, não é a editora do MLF, mas a editora das mulheres”.⁴¹

A editora Tierce⁴² surge em 1977, a partir da iniciativa de Françoise Pasquier. Segundo a revista *Les Temps des Femmes*, o projeto da revista era criar a possibilidade de publicação para revistas. Ela foi responsável pela publicação de *Questions Féministes*, *Revue d'en Face* e diversos livros.

A maioria dos textos publicados nos primeiros anos do movimento não eram assinados com os nomes verdadeiros de suas autoras, preferindo-se “mulheres”(des femmes), “algumas militantes” (quelques militantes), “mulheres do MLF” (des femmes du MLF) ou pseudônimos. Não há assinaturas nem no *Le Torchon Brûle*, nem no número especial de *Partisans* (com exceção do texto Gaudchaud que não pertencia ao movimento e da escritora Christine Rochefort, que sempre assinou seus textos).

Segundo Françoise Picq, essa recusa em revelar a autoria decorria de motivações ideológicas e de concepções acerca da forma de organização do movimento. O anonimato evitava o uso do sobrenome, que é sempre do pai ou do marido, e permitia também uma discrição em relação ao meio exterior, sobretudo profissional. Outra razão para o anonimato era evitar a formação de vedetes e líderes do movimento. Esse traço do MLF, no entanto, não perdurou, ao contrário da disposição para a produção coletiva, como testemunham algumas produções dos anos 1980, como *Le sexe du travail*, *Rapports sociaux de sexe: parcours épistemologiques*⁴³, etc.

Poucas obras de “autoras” foram publicadas, num primeiro momento, por militantes do MLF.⁴⁴ Com exceção de livros de caráter literário, como *Le corps lesbien*, de Monique Wittig, raros são os livros escritos mulheres vinculadas ao MLF, de forma

⁴¹ DES FEMMES. Catalogue *Des femmes*, 1974-1979, p. 15.

⁴² Para algumas informações sobre essa editora e os títulos publicados consultar: KANDEL, Liliane. Une édition féministe est-elle possible ? *Clio. Histoire, femmes et sociétés*. n.13, 2001.

⁴³ COLLECTIF. *Le sexe du travail*. Grenoble : Presse Universitaire de Grenoble, 1984 ; BATTAGLIOLA, Françoise ; COMBES, Danièle ; DAUNE-RICHARD, Anne-Marie, ; DEVREUX Anne-Marie ; FERRAND, Michèle, LANGEVIN Anette. *A propos des rapports sociaux de sexe. Parcours épistemologiques* [1986]. Paris: CSU, 1990.

⁴⁴ Nos Estados Unidos, por razões próprias ao contexto desse país, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, alguns livros seriam publicados por algumas de suas integrantes do movimento. Kate Millet publica, em 1970, *Sexual Politics*, uma adaptação da sua tese de doutorado, considerado o primeiro trabalho acadêmico feminista em crítica literária. O livro foi lido pelo movimento fundamentalmente como uma análise da opressão feminina em termos de “patriarcado”. Firestone, no mesmo ano, publica *The Dialectic of Sex*. Esses livros tornaram-se referências não somente movimento feminista estadunidense mas também circularam e foram traduzidos em outras línguas e são frequentemente citados quando se trata de teoria feminista nos anos 1970.

individual, publicados. Uma produção deste tipo é composta, sobretudo, por traduções de livros de diferentes países, particularmente uma produção anglófona.⁴⁵

Temos como hipótese que esse quadro influenciou, de alguma forma, a formação da categoria *french feminism*. A confusão entre “movimento feminista” e “teóricas feministas” levou a uma identificação do primeiro com um conjunto de autoras que publicaram livros durante os anos 1970, Julia Kristeva, Hélène Cixous e Luce Irigaray, que não necessariamente tinham uma vinculação com o movimento. Mesmo após as inúmeras críticas à ideia de um *french feminism*⁴⁶, o termo continua presente em algumas obras dos anos 2000.

A falta de “grandes autoras” que pudessem “representar” o movimento feminista, na França, dificulta a tarefa de empreender uma síntese da teoria feminista naquele país, nos mesmos termos daquelas existentes nos EUA. Uma história das ideias feministas, na França, deve necessariamente ir além dos poucos livros que, por razões diversas, conseguiram ultrapassar a barreira das editoras e usar outros tipos de materiais.

Esse panorama traçado anteriormente se altera no final dos anos 1970 e, particularmente, a partir dos anos 1980, quando tem início um processo, ainda que tímido, de institucionalização dos estudos de gênero sobre o qual é necessário fazer alguns comentários.

Como afirma Bard, criar um laboratório ou grupo de pesquisa especializado, uma revista ou organizar seminários constituem, nos anos 1980-1990, novas formas de “militância”.⁴⁷ Os primeiros grupos universitários a surgir sobre a temática foram: o *Centre d'études féminines à l'Université de Provence* (CEFUP), em 1976; o *Groupe d'études féminines* (GEF) na Universidade Paris VII, em 1975 e o *Centre lyonnais d'études féministes* (CLEF), em 1976. Uma série de outros momentos de encontro e debates se desenvolveram de forma mais informal, mas deixaram poucos ou nenhum registro.

⁴⁵Somente nos anos 1990 alguns dos artigos dispersos em diferentes revistas e livros foram reunidos e publicados sob a forma de antologia. *Sexe, race et pratique du pouvoir. L'idée de nature*, publicado em 1992, reunia textos de Colette Guillaumin publicado desde os anos 1970; *L'anatomie politique* o seria em 1991, *La construction sociale de l'inégalité des sexes. Des outils et des corps* de Paola Tabet, em 1998. Christine Delphy, que já havia publicado um livro desse gênero, em 1984, em inglês, *Close to home: a materialist analysis of women*, publicaria finalmente, em 1998, uma antologia em dois volumes de textos publicados desde 1970.

⁴⁶ DELPHY, Christine. DELPHY, Christine. *L'invention du French Feminism: une démarche essentielle*. [1996] In: DELPHY, Christine. *L'ennemi principal 2. Penser le genre*. Paris: Syllepse, 2009; MOSES, Claire. La construction du 'French Feminism' dans le discours universitaire américain. *Nouvelles Questions Feministes*, vol. 17, n.1 ; VARIKAS, Eleni. Féminisme, modernité, postmodernisme: pour un dialogue des deux côtés de l'océan. In: *Futur Antérieur* 1993.

⁴⁷ BARD, Christine. Jalons pour une histoire des études féministes en France (1970-2002). *Nouvelles Questions Féministes*, vol.22, 2003/1, p.22.

Rose-Marie-Lagrange⁴⁸ estabelece uma cartografia dos grupos existentes até meados dos anos 1980, a partir de critérios como reivindicação do “feminismo”, relação com a instituição acadêmica e com o movimento, capital científico e militante, tipo de pesquisa realizada (pesquisa teórica ou aplicada), e estabelece dois principais “polos extremos”: um polo de “pesquisa ortodoxa” e um “polo militante”. No primeiro estariam grupos como o GRIEF (*Groupe de recherches interdisciplinaires d'études de femmes*) de Toulouse, o *Séminaire d'histoire des femmes*, da École d'Hautes Études en Sciences Sociales e, em menor medida, o *Centre d'études féministes*, da Universidade Paris VIII. O polo militante seria constituído por grupos como o CLEF, o *Séminaire limites-frontières*, o grupo SIMONE, a revista *Nouvelles Questions Féministes*, entre outros. Entre os dois polos estariam grupos como o GEDISST e o *Atelier Production-Reproduction*.

A revista *Questions Féministes* ocupa um papel singular nesse contexto. Trata-se de uma publicação que se apresenta como explicitamente “militante”. Mas, a revista se propõe a ser um espaço de reflexão teórica mais aprofundada que outras revistas existentes e congrega nomes que, independentemente da sua trajetória militante, tinham praticamente todas, vinculação com a academia. Porém, essa publicação viveu as dificuldades de uma publicação de tipo militante nos anos 1970, enfrentando problemas financeiros, sobrecarga e trabalho não remunerado de militantes, dentre outros.

***Questions Féministes*: uma revista teórica feminista radical**

As revistas e jornais publicados nos anos 1960 e 1970 constituem uma fonte privilegiada para se compreender as movimentações políticas desse período na França.⁴⁹ Para o feminismo, tratar-se-ia também de um instrumento por excelência de divulgação de suas ideias sob a forma escrita, microcosmos para importantes debates e trocas que marcam a reflexão feminista deste período, constituindo um objeto fundamental para reconstituir alguns elementos da dinâmica dessas trocas, as *sociabilidades* intelectuais, mas também as tensões,

⁴⁸ LAGRAVE, Rose-Marie. Recherches féministes ou recherches sur les femmes ? *Actes de la recherche en sciences sociales*, 1990.

⁴⁹ Ver, entre outros: FOREST, Philippe *Histoire de Tel Quel (1960-1982)*. Paris : Seuil, 1995 ; GOTTRAUX, Philippe. *Socialisme ou Barbarie. Un engagement politique et intellectuel dans la France de l'après-guerre*. Laussane: Payot, 1997; MANTONTI , Frédérique. *Intellectuels communistes. Essai sur l'obéissance politique. La Nouvelle Critique (1967-1980)*. Paris, La Découverte, 2005, 414 pages.

conflitos e rupturas. No entanto, poucos são os trabalhos que procuraram analisar essa produção.⁵⁰

A revista *Questions Féministes* surge no final da década, num momento de multiplicação e diversificação da imprensa feminista francesa. Esta nasce com um propósito específico: tornar-se um espaço de discussão teórica para o feminismo radical. Embora tenha tido uma vida efêmera (1977-1980), foi uma publicação feminista fundamental do período. Alguns dos textos lá publicados continuam sendo referências, até os dias atuais, para os “estudos de gênero” na França. Os oito números dessa revista foram integralmente republicados, em 2012, pela editora Syllepse.⁵¹ Neste item, gostaríamos de retrazar a história da constituição dessa publicação. Procuramos apresentá-la em consonância com o movimento feminista dentro do qual a revista emerge. O antinaturalismo e uma análise materialista da opressão constituem dois eixos fundamentais da reflexão do grupo que se reuniu em torno da revista e serão abordados nos próximos capítulos dedicados, especificamente, a tais eixos.

Algumas das peças que nos permitem reconstituir alguns traços da história da revista foram forjados no momento do conflito e da controvérsia que provocou a cisão no seio do coletivo de redação da revista, e que teve como consequência seu fim, em 1980. Esse conflito deu origem a uma disputa jurídica em torno de uma nova publicação: *Nouvelles Questions Féministes*, lançada em 1981 por três antigas integrantes da revista. As outras integrantes de *Questions Féministes* consideravam que a publicação da nova versão da revista, com formato e nome similares, constituía uma quebra do contrato firmado por suas integrantes ao acabar com a publicação. É a partir dessa ruptura e da disputa jurídica que se seguiu, que alguns materiais foram reunidos para serem anexados ao processo, dado que tal processo girava em torno da nova publicação, *Nouvelles Questions Féministes*.⁵² Estas fontes guardam, nesse sentido, marcas desse contexto e dessa disputa, que serão apresentados no final do capítulo. Mas consultamos também outras fontes, oriundas de outros fundos de

⁵⁰ No final dos anos 1970, ainda no bojo das movimentações da segunda onda, Liliane Kandel publica um balanço da imprensa feminista francesa dos anos 1970. Após esse artigo, poucos são os trabalhos que prosseguiram essa tarefa. O guia organizado pela BnF *Des sources pour l'histoire des femmes*, no item “imprensa feminista” faz referência a três trabalhos sobre o tema, nenhum deles relativo à “segunda onda”. Recentemente os *Archives de Culture et Recherches lesbiennes* produziram um guia bastante completo das publicações feministas e lésbicas dos anos 1970 e 1980. Para um panorama da imprensa feminista neste período, consultar: KANDEL, Liliane. *Journaux en mouvement: la presse féministe aujourd'hui*. *Questions féministes* n. 4, nov. 1978 e LAROCHE, Martine; LARROUY, Michèle. *Le collectif des Archives Recherches Cultures lesbiennes. Mouvements de presse des années 1970 à nos jours, luttes féministes et lesbiennes*. Paris: éditions ARCL, 2011.

⁵¹ *Questions féministes* (1977-1980). Paris: Syllepse, 2012.

⁵² A revista *Nouvelles Questions féministes* começa a ser publicada em março de 1981.

arquivo, que nos forneceram elementos num quadro distinto, como os arquivos da biblioteca da *Maison des Sciences de L'homme*, dentre outros.

Para compreender a formação da revista, é importante voltar a alguns momentos de encontro e debate entre as integrantes do grupo, que antecederam a fundação dessa publicação. Os arquivos forneceram-nos traços de alguns desses momentos de reflexão coletiva que propiciaram a reunião de feministas com diferentes trajetórias e que viriam a compor o coletivo de redação da revista, a partir de novembro de 1977.

Deve-se ressaltar que se trata de um momento de pouca penetração dessas discussões nas universidades e na pesquisa em geral. A revista em questão congrega muitas feministas que já tinham uma carreira como pesquisadoras, mas que se apresentam claramente como militantes. Trata-se de uma publicação que se localiza, de certa forma, entre a militância feminista e o início de algo mais acadêmico, mais universitário. Christine Delphy considera, num texto do início dos anos 1980, que o que caracteriza os artigos publicados nessa revista, mas também na revista *Nouvelles Questions féministes*, é a *pertinência política* desses textos para a situação das mulheres e sua luta: uma revista “cultura” (savante), com uma maioria de textos escritos por “universitárias”, mas que “tenta evitar as dificuldades de um *women's studies* despolitizado e do feminismo cultural”.⁵³ Apesar do perfil das suas integrantes, a revista não se concebe como acadêmica ou universitária. Se retrospectivamente, pode-se considerá-la como parte da “acumulação primitiva” das pesquisas feministas⁵⁴, ela não se reivindicava, ao contrário de outras revistas publicadas na mesma época como *Feminist review* e *Signs*, como uma revista universitária.⁵⁵

Encontros e debates em torno de uma proposta

A ideia de criação de *Questions Féministes* nasceu de diferentes encontros e debates que datam de pelo menos dois anos antes do lançamento da publicação. Como vimos, algumas das suas futuras integrantes participaram de outros espaços feministas ou universitários desde o início dos anos 1970. Christine Delphy e Emanuelle de Lesseps fizeram

⁵³ DELPHY, Christine. La revue *Nouvelles Questions féministes*. (texto mimeografado), s.d. , p. 3. Dossiê Christine Delphy. Archives Recherches Cultures lesbiennes.

⁵⁴ KANDEL, Liliane. Un tournant institutionnel: le colloque de Toulouse. In: BASCH, Françoise ; BRUIT, Louise ; PICQ, Françoise ; SCHMIDT, Pauline ; ZAIDMAN, Claude. (org.). *25 ans d'études féministes: l'expérience Jussieu*, Paris, Publications de l'Université Paris 7-Denis-Diderot, 2001.

⁵⁵ *Feminist review*, por exemplo, propunha ser não somente um espaço para debater “perspectivas políticas e estratégicas do Movimento”, mas também ser um “fórum para trabalhos em andamento, para pesquisas atuais e debates no seio do *women's studies*”. Contracapa. *Feminist Review* , n.1, 1979.

parte do FMA. As duas, além de Monique Wittig, participariam de reuniões das feministas revolucionárias. Mas, num contexto mais universitário, outros encontros se desenvolveram.

Algumas integrantes do coletivo⁵⁶ mencionam momentos de encontro realizados na Universidade de Vincennes e de Amiens, assim como em grupos de pesquisas em laboratórios ou instituições como a *École de Mines*, a *Maison des Sciences de L'Homme*, o *College de France*. São citados, também, cursos universitários de Nicole-Claude Mathieu na Universidade de Vincennes e de Monique Plaza, na Universidade de Amiens. Destaca-se, particularmente, o encontro de quatro das futuras integrantes da revista (Monique Plaza, Christine Delphy, Nicole-Claude Mathieu e Colette Guillaumin) durante o ano escolar de 1975-1976, em Amiens, num curso dado por Monique Plaza. Encontramos alguns registros dessas atividades.

Consta no CV de Nicole-Claude Mathieu um curso de graduação ministrado entre fevereiro e junho de 1975, em Vincennes, intitulado “Sexes et sociétés. Sexe biologique/sexe social”, no *Departement d'Études interdisciplinaires des cultures*⁵⁷, além da participação em debates trimestrais com estudantes sobre o tema “Masculin/féminin”, na *Faculté de Philosophie et Sciences humaines d'Amiens*, no departamento de Psicologia, no ano escolar 1975-1976.⁵⁸ Provavelmente relacionada a esses encontros em Amiens, podemos citar a publicação de um número do *Bulletin du CERPP* (Centre d'Études et de Recherches Pluridisciplinaires em Psychologie-Amiens), datado de janeiro de 1975, no qual consta um texto de Colette Guillaumin “Science Social et biologie” e outro de Monique Plaza “Une problématique impossible: schizophrénie et biochimie”.⁵⁹ Naquela época, Monique Plaza era professora dessa universidade e foi provavelmente a pessoa que propiciou alguns desses momentos de reunião e discussão.

Outro momento foi o *Groupe de Sociologie de la Dominance*, também chamado de *Laboratoire de Sociologie de la Dominance* (LSD). Trata-se de um grupo informal que promoveu discussões por alguns anos na década de 1970. Por essa razão, poucos são os registros que fazem referência a tal coletivo. Segundo o CV de Mathieu, o grupo teria realizado reuniões entre 1970 e 1976 e seria formado por oito pesquisadores do CNRS e

⁵⁶ Notas esparsas sem título e autor. Fundo Nicole-Claude Mathieu.

⁵⁷ Procuramos registros nos arquivos da Université Paris 8- Vincennes-Saint-Denis desse curso, mas nada encontramos nesse sentido.

⁵⁸ Mathieu já havia publicado, no ano de 1974, num periódico do Centre universitaire de recherche sociologique de Amiens o texto “Les catégories de sexe em sociologie”.

⁵⁹ Bulletin du C.E.R.P.P n. 1, janeiro de 1975. Amiens Centre d'Étude et de Recherches Pluridisciplinaires em Psychologie. Nos comentários ao processo menciona-se um boletim do CERPP cujo umário com quatro artigos teria sido discutido em diversas reuniões.

professores universitários. Colette Guillaumin e Collete Capitain Peter também mencionam, em entrevista, esse grupo como um importante momento de trocas intelectuais. Fora dos depoimentos, encontramos somente duas referências a esse grupo. Uma é de Colette Guillaumin, que o define como “inteiramente centrado na análise dos sistemas hierárquicos e da dominação” e que constituiu um local de discussão “fascinante e inventivo”.⁶⁰ Jacques Jenny, que também participou do grupo, rememora:

Há mais ou menos 30 anos, eu tive a sorte de ser sensibilizada com relação aos problemas teóricos da dominação, no âmbito de um pequeno grupo de trabalho informal (que nós chamávamos de L.S.D: Laboratório de Sociologia da Dominação), do qual faziam parte colegas aos quais nós tanto devemos, sobretudo, Colette Guillaumin, Nicole Mathieu, Josiane Boutet e outras, menos diretamente vinculadas pelo propósito inicial.⁶¹

Outro momento de encontro foi um Seminário, ou grupo de trabalho, franco-britânico, que ocorreu entre 1975-1977. Stevi Jackson, em *Christine Delphy* (1996), faz breves menções sobre a existência de um seminário franco-britânico que teria realizado reuniões entre 1975 e 1977, e cujos membros incluiriam, mesmo que de forma não permanente, Diana Barker[Leonard], Leonore Davidoff, Jalna Hanmer, Jean Gardiner, Hilary Land, Maxine Molyneux, Jane Shaw et Anne Whitehead do lado britânico⁶²; Noëlle Bisseret, C. Capitan-Peter, C. Delphy, C. Guillaumin, E. de Lesseps, N.-C. Mathieu, Monique Plaza, et Ursula Streckeisen do lado francês. Este parece ter sido um momento importante para a reflexão feminista materialista. Para reconstituir alguns elementos da vida desse grupo, usaremos alguns documentos que fazem parte do arquivo da *Bibliothèque de la Maison des Sciences de L’Homme* assim como uma nota publicada num boletim da MSH.⁶³

Uma primeira reunião, unicamente francesa, foi realizada no dia 28 de abril, na *Maison des Sciences de L’Homme* (MSH), em Paris. Numa carta convite, datada de 21 de abril de 1975, constam como membros franceses do grupo de trabalho intitulado “Catégories de sexe et catégories de classes” Noëlle Bisseret, Colette Guillaumin, Nicole Claude-Mathieu, Emmanuelle de Lesseps, Ursula Streckeisen e Christine Delphy. Os objetivos dessa primeira

⁶⁰ GUILLAUMIN, Colette. *Sexe, race et pratique du pouvoir*. Op. cit., p. 5.

⁶¹ JENNY, Jacques. Rapports sociaux de sexe et autres rapports de dominance sociale: pour une intégration conceptuelle des rapports sociaux fondamentaux. *Cahiers du GEDISST*, 1995, n° 13, p. 109.

⁶² Stevi Jackson cita também os nomes de Mary McIntosh mas não encontramos menção ao seu nome nos documentos consultados. (1996, 29)

⁶³ MSH Information. “Catégories de sexe et catégories de classe”, *M.S.H Information. Bulletin de la Fondation Maison des Sciences de L’homme*, n.13, juin 1976; Documentos MSH (sobre o Groupe de travail franco-britannique). Paris, le 2 juin 1975. Archives de la Bibliothèque de la Maison des Sciences de l’homme.

reunião, ainda segundo esse documento, eram: a apresentação do conceito de modo de produção doméstico como problemática geral; o inventário de fontes sobre o tema; a preparação das próximas reuniões, que viriam a ser franco-inglesas, com o propósito de reunir autores que trabalhavam sobre essas questões.⁶⁴ Com exceção de Ursula Streckesen, doutoranda à época, todas as demais participaram do comitê editorial da revista *Questions Féministes*.

O grupo é apresentado, num dos documentos do grupo, como tendo surgido em 1975, a partir da iniciativa do *Social Science Research Council* (Londres) e dentro de um programa de colaboração entre este e a *MSH*. O grupo de trabalho teria como nome *Catégories de sexe et catégories de classe/Économic Relations in Domestic Groups* e seria presidido por Diana Barker, do lado inglês, e por Christine Delphy, do lado francês, reunindo sociólogos, economistas, etnólogos e especialistas em “social administration”, tendo por objetivo discutir, a partir de trabalhos em curso de membros do grupo, os seguintes problemas:

- 1- a articulação entre o patriarcado e o sistema capitalista;
- 2- ideologia naturalista das ciências sociais nas suas análises acerca das classes sexuais;
- 3- o conceito de sexo social e os problemas correlatos.⁶⁵

Um pequeno texto de apresentação publicado no boletim da *MSH* nos dá algumas informações sobre o conteúdo de algumas reuniões do grupo. A primeira delas, realizada nos dias 19 e 20 de junho de 1975 em Paris, era centrada no conceito de “modo de produção doméstico”. Os textos previstos para a discussão tratavam essencialmente do trabalho doméstico, como os três citados no documento: “Women’s domestic labour”, de J. Gardiner (1975); “The housewife and her labour under capitalismo”, de Wally Seccombe (1974); e “L’ennemi principal”, de C. Delphy. Uma apresentação de Maxine Molyneux⁶⁶ retrazando um histórico das posições de autores marxistas sobre as mulheres e o trabalho doméstico foi também realizada.

Uma primeira sessão teria sido dedicada à discussão do texto de Gardiner, e à pertinência do conceito de modo de produção. A autora recusa a ideia de um modo de produção doméstico, mas pensa sobre a possibilidade de expansão deste conceito com o

⁶⁴ Carta. Paris le 21 avril 1975. Arquivos Bibliothèque M.S.H.

⁶⁵ *MSH Information*. “Catégories de sexe et catégories de classe”. *M.S.H Information. Bulletin de la Fondation Maison des Sciences de L’homme*, n.13, juin 1976, 18.

⁶⁶ Maxine Molyneux publicou, em 1979, “Beyond the Domestic Labour Debate” au sein de la *New Left Review* na qual afirma, em nota, que uma primeira versão desse texto foi apresentada, em junho de 1975, no no “Anglo-French SSRC Women’s Groupe”. MOLYNEUX, Maxine. Beyond the Domestic Labour Debate. *New Left Review*, n° 116, 1979, 4.

objetivo de integrar relações de trabalho não assalariadas. Em relação à sua formulação original, a própria autora faz uma autocrítica por não ter tematizado a especificidade das relações de produção na família e de ter minimizado o fato que a maior parte das mulheres trabalham como assalariadas em algum momento da vida. Foram debatidas, ainda, questões como a utilidade e rentabilidade para o capital do trabalho doméstico, assim como a questão de quem se beneficiaria desse trabalho.

Uma outra sessão é dedicada à apresentação do texto de Maxine Molyneux sobre a pertinência do conceito de modo de produção aplicado à produção familiar. Este texto seria posteriormente publicado na revista *New Left Review*, com uma nota indicando que a primeira versão deste texto fora apresentada no “anglo-French SSRC Women’s Groupe, em junho de 1975”.⁶⁷

Um segundo encontro foi realizado em Londres, na sede do Social Science Research Council, entre 27 e 28 de outubro de 1975, e em torno do tema “categorias de sexo como lugar privilegiado do pensamento biologizante”. Do lado francês, alguns textos são propostos para fomentar o debate, entre eles “Rapports entre l’économique et l’idéologique dans les processus d’orientation et de sélection” de Noëlle Bisseret, “Révolution bourgeoise et idéologie essentialiste” de C. Capitan-Peter, “Proto-féminisme et anti-féminisme” de C. Delphy, “Homme-culture et femme-nature” e “Paternité biologique, maternité sociale”, publicado em 1977 a partir de uma comunicação apresentada três anos antes, de N.-C. Mathieu, assim como uma versão do texto de C. Guillaumin “Pratique du pouvoir et idée de Nature”, que seria publicado em 1978 na revista *Questions féministes*.

No anúncio da reunião, há também questões sobre a terminologia mais apropriada a se utilizar, “sexo social” (sexe social) ou “relações sociais entre os sexos biológicos” (rapports sociaux entre les sexes biologiques)? – perguntam; além de questionamentos sobre os conteúdos dados a essas categorias:

Deve-se falar de ‘sexo social’ (mas correr o risco de deixar escapar a especificidade das relações de sexo – na medida, por exemplo, em que as relações de exploração do trabalho gratuito não se limitam sempre às mulheres? (Ver C. Delphy)? (sic)

Ou seria necessário falar em relações sociais entre os sexos biológicos (mas correr o risco de esquecer a dimensão puramente sociológica, quer dizer, construída, da realidade dos sexos)?⁶⁸

⁶⁷ MOLYNEUX, Maxine. “Beyond the Domestic Labour Debate”, *New Left Review*, n° 116, 1979, p.4.

⁶⁸ Documentos MSH (sobre o Groupe de travail franco-britannique).

Trata-se de um contexto no qual diversos conceitos entram em cena. Gênero, sexo social, relações de sexo. Um ponto fundamental dessa reunião foi a questão da biologização do social, que deveria ser tratada paralelamente às questões abordadas na primeira reunião. A “redução do sexo” ao seu componente biológico seria um dos traços da ideologia da nossa sociedade:

A atual ideologia vincula, em definitivo, à biologia, à ‘natureza’, as relações sociais nas quais os dois sexos se encontram engajados. Na verdade, a ideologia ‘sexualiza’ as relações de poder. Podemos ver aí a expressão de um fenômeno mais geral: a racionalização da opressão econômica e ideológica pela ‘biologização’ dos grupos dominados.

Muitas pesquisas em curso continham elementos dessa discussão e esse seria um eixo fundamental da revista *Questions Féministes*. Cabe mencionar também que alguns dos textos que foram objeto de discussão seriam depois publicados, como o último texto de Mathieu mencionado⁶⁹ e o texto de Colette Guillaumin.⁷⁰

Uma terceira reunião teria sido realizada nos dias 12 e 13 de abril de 1976, na *MSH*, com o tema “Em que medida as categorias e as práticas das instituições do Estado estabelecem a noção de dependência econômica das mulheres casadas?”.⁷¹ A discussão teria se apoiado em textos de Hilary Land e Jalna Hanmer.

Não temos registros de outras reuniões. Segundo uma carta de Christine Delphy à M. Heller⁷², diretor à época da *MSH*, a última reunião teria sido realizada em março de 1977, em Londres. Por falta de recursos financeiros da *SSRC* britânica, o grupo não pôde mais se reunir, embora seus membros tenham continuado a manter contato informalmente. Trata-se de um momento no qual os recursos destinados para pesquisas sobre a temática eram poucos.

Essas reuniões constituíram certamente um momento importante de reflexão teórica, de socialização de ideias e de debate de textos ainda não publicados. Elas também possibilitaram um contato maior entre dois países e tradições teóricas distintas. É a partir dessa colaboração que alguns textos franceses seriam publicados em inglês, por exemplo, o

⁶⁹ MATHIEU, Nicole-Claude. “Paternité biologique, maternité sociale”. In: MICHEL, Andrée (org.). *Femmes, sexisme et sociétés*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977. Este texto seria republicado em MATHIEU, *L’anatomie politique...* Op. Cit.

⁷⁰ GUILLAUMIN, Colette. Pratique du pouvoir et idée de Nature. *Questions Féministes* n.2, fevereiro de 1978 e n.3 maio de 1978. Republicado em GUILLAUMIN. *Sexe, race et pratique du pouvoir*. Op. Cit.

⁷¹ *MSH Information*. Op. cit., p. 19.

⁷² Christine Delphy a M. Heller. 30 novembre 1978. (Fundo Nicole-Claude Mathieu)

artigo de Mathieu “Ignored by some denied by others: the social category in Sociology”, em 1977⁷³, e uma brochura de textos de Christine Delphy *The Main Enemy* também em 1977.⁷⁴

Sobre um dos encontros que parece ter propiciado a criação do grupo franco-britânico, Stevi Jackson conta que Christine Delphy e Diane Leonard se conheceram, em 1972, na *International Sociological Association*. Dois anos depois, Delphy participaria da conferência da *British Sociological Association* (BSA), cujo tema era “Sexual division and Society”, que seria coordenado por Leonard e que daria origem, em 1976, a uma publicação na qual figuraria o texto “Continuities and discontinuities in marriage and divorce” – o primeiro texto de Delphy publicado em inglês. Delphy teria uma longa parceria com Leonard, com a qual publicaria, em 1992, o livro *Familiar exploitation: A New Analysis of Marriage in Contemporary Western Societies*.

Desses e de outros encontros, ocorridos em meados dos anos 1970 e em torno de uma perspectiva em comum, surge a ideia de criação de uma revista. Apesar das numerosas publicações feministas existentes no momento da publicação de *Questions Féministes*, elas constituíam, na sua maioria, jornais e revistas compostos por textos curtos e tendo por objetivo uma intervenção política mais imediata. Os textos mais longos eram enviados a outras revistas fora do meio feminista. Essa falta de um instrumento de divulgação de ideias foi um importante elemento propulsor para a criação da revista. Delphy rememorava esse contexto, no início dos anos 1980:

[...] um pequeno grupo de trabalho de quatro mulheres pensava que já era o momento de o movimento feminista francês dispor de uma revista: no âmbito da imprensa feminista daquela época, não havia nenhum suporte para os textos com mais de três páginas; os textos longos não poderiam ser publicados nas revistas masculinas – e todas elas o eram – científicas, políticas ou literárias, com exceção, ocasionalmente, da revista *Les Temps modernes*, graças a presença de Simone de Beauvoir.⁷⁵

A ideia era criar um espaço de debate teórico, mas um debate numa perspectiva teórico-política precisa: o feminismo radical. Essa corrente, fundada em “questionamentos subversivos”, após ter “impulsionado todas as grandes campanhas feministas”⁷⁶, estaria abafada. O feminismo estaria ameaçado pela presença de uma dupla direita: a “recuperação esquerdista” e a ideologia da “neo-feminilidade”. Essas duas correntes, “cada uma a sua

⁷³ MATHIEU, Nicole-Claude. Ignored by some denied by others: the social category. In: *Sociology Women's Research and Resources Centre Publications*, 1978.

⁷⁴ DELPHY, Christine. *The Main Enemy*. Londres: WRRCP, 1977.

⁷⁵ DELPHY, Christine. La revue *Nouvelles Questions Féministes*. Op. cit., p. 1.

⁷⁶ QUESTIONS FÉMINISTES. *Variations sur des thèmes communs. Questions Féministes*, n. 1, nov. 1977, p.6.

maneira, mais ou menos disfarçada”, representariam os “interesses do patriarcado” e seriam aquelas que teriam visibilidade na mídia.⁷⁷ O feminismo radical, no qual se reconheceriam diferentes grupos dispersos e isolados uns dos outros, teria agora um lugar de “reunião teórico e política” para socializar suas experiências e análises: uma revista teórica feminista radical.

⁷⁷ Ibidem, p.6.

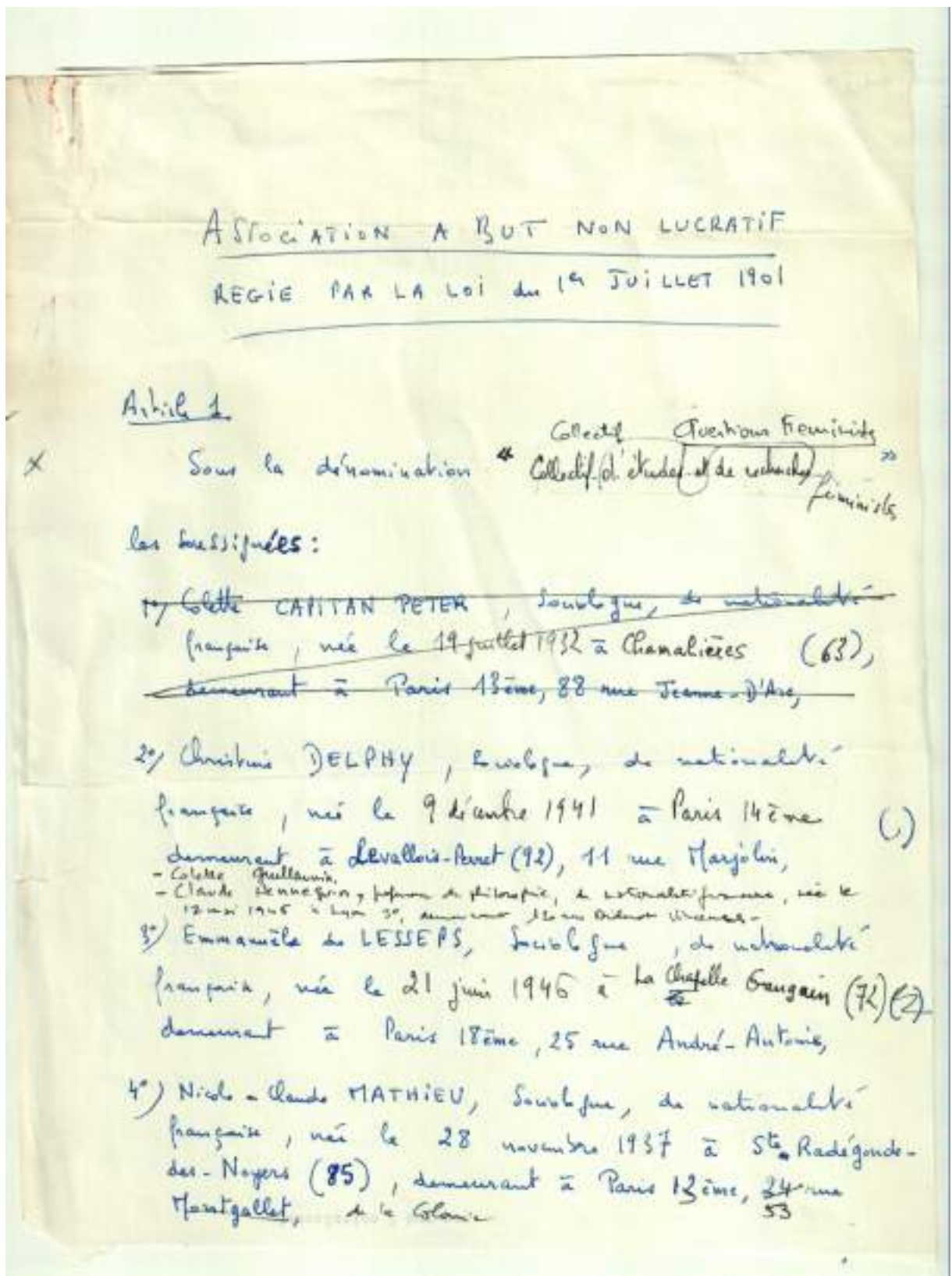


Imagem 3 Rascunho de documento de formalização da revista

Variações sobre um tema comum: o projeto político da revista

Em 1977, o projeto de publicar uma revista se concretiza. O primeiro número de *Questions Féministes* sai em novembro deste ano e tem como coletivo de redação Colette Capitan Peter, Christine Delphy, Emmanuèle de Lesseps, Nicole-Claude Mathieu e Monique Plaza e, como diretora de publicação, Simone de Beauvoir. Colette Guillaumin, Claude Hannequin e Monique Wittig integram o coletivo posteriormente. Oito números seriam publicados entre novembro de 1977 e maio de 1980.

A revista, que se identifica como “revista teórica feminista radical”, busca criar um espaço para um debate teórico. A teoria, frequentemente apreendida como equivalente a hermetismo, usada para designar textos inacessíveis e apanágio de uma classe social, ganha uma definição “política” cujo objetivo é restituir seu verdadeiro sentido. Por teoria, compreende-se “todo discurso, quaisquer que seja a linguagem, que tenta explicar as causas e funcionamento da opressão das mulheres” e que “tenta tirar conclusões políticas, que propõe uma estratégia ou uma tática ao movimento feminista”.⁷⁸ A proposta é que o teórico seja um problema de todas e que cada uma possa não somente consumir mas produzi-lo. Dentro dessa proposta, a ideia é publicar panfletos, obras literárias, textos abstratos, que são colocados no mesmo plano no intuito de elaborar uma “ciência feminista”.⁷⁹

O editorial do primeiro número “Variations sur des thèmes communs”, escrito de forma coletiva, pode ser considerado como uma síntese do projeto político da revista⁸⁰. Sobre este cabem alguns comentários.

A crítica à ideologia naturalista assim como ideia que todas as mulheres fazem parte de uma mesma classe são considerados como pré-requisitos do feminismo radical. Estes são os dois pilares do texto em questão e constituem a base de união do coletivo de redação.

Uma grande parte do editorial constitui uma crítica virulenta à ideia de uma natureza feminina e de uma “diferença entre os sexos”. As categorias “homens” e “mulheres” são categorias historicamente construídas e, portanto, passíveis de serem historicamente eliminadas através da destruição do sistema de relações que as constitui. “Destruir a diferença

⁷⁸ Ibidem, p.3.

⁷⁹ Ibidem, p.4.

⁸⁰ Para versão em inglês ver: Editors of *Questions féministes*. Variations on some common themes. *Feminist Issues*, vol.1, n.1, summer 1980.

de sexo”, afirmam, é “suprimir a hierarquia que existe atualmente entre dois termos no qual um está em referência a outro e inferiorizado nessa comparação”.⁸¹

Em diversos momentos do texto, ressalta-se que a existência social de homens e mulheres não tem relação com a existência de “macho ou de fêmea, da forma do seu sexo anatômico”.⁸² O centro da reflexão devem ser as relações sociais de dominação que estruturam uma forma de dominação e forjam categorias pretensamente naturais. Essa crítica ao naturalismo, central nas reflexões do coletivo, seria objeto de diversos artigos publicados ao longo dos três anos de existência da revista, entre eles destacamos: “Pouvoir ‘phallomorphique’ et psychologie de ‘la femme’ un bouclage patriarcal”, de Moinque Plaza (n.1), “Pratique du pouvoir et idée de nature” (n.2 e n.3), e “Questions de différence” (n.6), de Colette Guillaumin, “Le fait féminin: et moi?”, de Emmanuelle de Lesseps (n.5), “La pensée straight ” (n.7) e “ On ne naît pas femme ” (n.8), de Monique Wittig.

Mas o coletivo se posiciona também contra alguns setores mais próximos às organizações de esquerda. Dentro do feminismo, essa visão seria representada pela corrente “luta de classes”. Além de recusar a ingerência de grupos políticos no feminismo, consideram noções como “luta principal” e “luta secundária” assim como o que chamam de “terrorismo da explicação única pelo capitalismo” como falsas.⁸³ Em relação à corrente “luta de classes”, as tentativas de “articular” luta das mulheres e luta de classes a partir da teoria marxista não teriam conseguido questionar lacunas dessa teoria de referência. Nessas tentativas, o monopólio da classe operária e de um só sistema opressivo, o capitalismo, continuavam como inquestionáveis.

Essas análises são consideradas como insuficientes dado que situam a crítica das mentalidades e instituições sexistas somente no plano das mentalidades. Uma *análise materialista* deveria vincular “as mentalidades, as instituições, as leis sexistas às estruturas sócio-econômicas que as sustentam”.⁸⁴ Essas estruturas formam um sistema específico em relação ao capitalismo: o patriarcado. Não há “feminilidade”, “mulher”, “eterno feminino”, mas um grupo social cujos encargos são bem conhecidos (dupla jornada, baixos salários, desqualificação social, encargo do cuidado de velhos, crianças e doentes, etc). O objetivo do feminismo é justamente denunciar esse sistema de opressão, as relações sociais que são a base

⁸¹ QUESTIONS FEMINISTES. Variations sur des thèmes communs. Op. cit, p.5.

⁸² Ibidem, p.5.

⁸³ Ibidem, p.6.

⁸⁴ Ibidem, p.29.

dessa forma de organizar a sociedade, mostrando a possibilidade de superação dessas hierarquias:

Feministas, nós devemos mostrar o caráter histórico, social e, portanto, arbitrário e reversível dessa hierarquia de sexos e que não há ‘mulheres’ senão em relações de força desiguais que faz da opressão e da exploração de um grupo social a condição de poder do outro.⁸⁵

A proposta é de uma subversão total desse sistema. Trata-se de “transformar agora relações sociais, econômicas e políticas que nos conduzem a classificar hierarquicamente, em grupos ditos ‘de sexo’, indivíduos identicamente humanos’, de analisar, para destruir, o sistema de sexos sociais”.⁸⁶

O texto em questão foi escrito de forma coletiva, mas cada parte separadamente por uma ou duas integrantes da revista. Na versão final não constam, entretanto, os nomes das autoras de cada parte. Mas, na versão publicada em inglês⁸⁷ podemos identificar, pelas iniciais, quem escreveu cada uma. Algumas das variações terminológicas estão ligadas a esse processo de produção do texto. Podemos citar como exemplo o uso dos termos “sexo” ou “gênero”. A categoria “classes sociais de gênero” (classes sociales de genre)⁸⁸ é empregada por Christine Delphy e Monique Plaza. Nicole-Claude Mathieu prefere “classes sociais de sexo” (classes sociales de sexe)⁸⁹ e “sistema de sexos sociais”.⁹⁰ Para além dessas variações, encontramos também diferentes formas de abordar alguns conceitos que serão trabalhados posteriormente. Embora o coletivo compartilhasse uma perspectiva teórica, há, obviamente, diferenças no seio do grupo.

Sobre a composição da revista, cabem aqui alguns comentários. Primeiro é preciso ressaltar que, embora Simone de Beauvoir apareça como “diretora de publicação”, seu papel não pode ser superestimado. Beauvoir, assim como Sartre, foram, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, diretores de alguns jornais que enfrentavam perseguição. O objetivo era evitar processos e prisões de diretores de publicação. Simone de Beauvoir assumiu a direção do periódico *L’idiot international* em setembro de 1970 a abril de 1971⁹¹.

⁸⁵ Ibidem, p.19.

⁸⁶ Ibidem, p. 18.

⁸⁷ Editors of *Questions feminists*. Variations on some common themes. *Feminist Issues*, vol.1, n.1, summer 1980.

⁸⁸ QUESTIONS FEMINISTES. *Variations sur des thèmes communs...* Op. cit., p.6.

⁸⁹ Ibidem, p.16.

⁹⁰ Ibidem, p.18.

⁹¹ No jornal *Le monde* de 1 outubro de 1971 Beauvoir afirmava: “Assumi a direção do *Idiot International* do 14 de setembro ao 27 de abril de 1971 para me solidarizar com essa imprensa ‘de oposição’ e revolucionária’ cujo papel eu considero necessário numa sociedade que restringe a liberdade de expressão e cujos jornais ordinários camuflam ou calam a verdade”. Dossiê Simone de Beauvoir. BMD.

No caso de *Questions féministes* havia claramente uma proximidade teórica. Mas, isso não implicou uma participação ativa no coletivo de redação. Seu nome não consta nos poucos pareceres de artigo e, segundo membros do coletivo, ela não participava das reuniões da revista. Não encontramos também nenhuma carta relativa à essa questão entre os anos de 1976 e 1978.⁹²

Todos os membros que figuram no primeiro número da revista tinham alguma vinculação com a universidade. Com exceção de Emmanuelle de Lesseps, que se tornou tradutora, Claude Hennequin, todas as outras – Collete Capitan Peter, Christine Delphy, Nicole-Claude Mathieu e Monique Plaza – seguiram uma carreira universitária. No momento da publicação de QF, todas elas já eram autoras de artigos ou livros nos seus respectivos campos disciplinares. O mesmo pode ser dito de Monique Wittig e Colette Guillaumin, que entraram depois. É importante mencionar também que Monique Wittig já residia nos Estados Unidos quando recebeu o convite para participar da revista e o seu contato com o grupo foi, com exceção dos momentos de viagem, feito em grande medida por meio de cartas.

As reuniões do coletivo não deixaram registros. Tratava-se de um grupo que se reunia de forma informal, em cafés, restaurante, etc, como muitos dos grupos feministas do período. Os raros traços dessas discussões se resumem a frases escritas a mão em alguns textos aprovando ou reprovando a publicação de um artigo.

Recepção da revista

O feminismo radical proposto por *Questions féministes* estava longe de provocar consenso. Para Storti, “Mal saiu, *Questions féministes* não deixa de suscitar reações violentas”.⁹³ Crítica tanto de Psicanálise e Política como da corrente luta de classes e das organizações de esquerda, não é de se espantar que a recepção da publicação tenha sido marcada por polêmicas. A revista é também acusada de dogmatismo. Storti, numa resenha publicada no jornal *Libération*, chega ao ponto de afirmar que “Se o mundo de amanhã é tão sufocante como a ‘ciência feminista’ aqui em questão, eu prefiro ainda o mundo de hoje”.⁹⁴

⁹² Lettres- Simone de Beauvoir. BnF.

⁹³ Storti Martine (1977). Questions à la revue Questions féministes. *Libération*, 24 novembre. Republicado em: STORTI, Martine. *Je suis une femme, pourquoi pas vous ?* Op. cit., p 169.

⁹⁴ Ibidem.

A partir de algumas resenhas e textos publicados após o lançamento da revista, podemos acompanhar o teor de alguma dessas reações. Os primeiros números da revista foram divulgados por revistas e jornais como *Libération*, *Rouge*, e, particularmente na imprensa feminista como *Histoires d'elle*, *Cahiers du féminisme*, *Choisir*, *Cahiers du Griff* entre outras.

Para Françoise Picq, num texto de 1983, diferentemente de outras revistas existentes, que teriam um ponto de vista “pouco definido”, *Questions féministes* teria por objetivo “elaborar um conjunto teórico de textos e análises” partindo de um ponto de vista radical “claramente definido, que parece coerente e compartilhado por toda a equipe da revista”.⁹⁵ Haveria, nesse sentido, uma “linha política” clara em relação a qual é possível ser contra ou a favor. Picq também ressalta os riscos em propor uma teoria naquele contexto: “Fazer teoria no movimento de mulheres era uma decisão corajosa; era se reivindicar como intelectuais, o que não era bem visto; era correr o risco de ser acusada de se apropriar da palavra das mulheres, fazer carreira às custas do feminismo”.⁹⁶

Para Storti, numa espécie de resenha da revista para o jornal *Libération*, um dos méritos, ou talvez o único, da revista é de colocar as cartas sobre a mesa e explicitar claramente sua análise política. Mas, para outros, seria justamente essa a origem do problema. Para N.H em *Histoires d'elles*, “o que é problemático em *Questions Féministes* é que mais do que fazer questões, justamente, nos são dadas todas as respostas. As boas. Não há outras: isso se chama ‘a linha justa’”.⁹⁷ A revista é acusada de dogmatismo, sectarismo, de querer impor uma só visão de feminismo. Ao apresentar como pré-requisito de todo feminismo um *approche* antinaturalista e materialista, as editoras de QF excluem da definição de feminismo aquelas que não compartilham esses dois pontos e isso provocou incômodo no movimento.

Em resposta a esse tipo de crítica, as editoras afirmam a necessidade da crítica interna ao movimento feminista e recusam a ideia de dogma.⁹⁸ A enunciação de uma análise política não pode ser confundida com dogmatismo, afirmam. Monique Plaza, prevendo este tipo de crítica, escreve uma nota “À propos de la critique”, para abrir o seu artigo sobre Luce Irigaray, afirmando a necessidade de crítica dos discursos oriundos de mulheres feministas como algo não somente legítimo como indispensável para a radicalização do movimento feminista. Esse tipo de crítica não significa uma falta de solidariedade, pois esta última não

⁹⁵ PICQ, Françoise. Féminisme, matérialisme, radicalisme. *La revue d'en face*, n.13, hiver 1983, p. 41.

⁹⁶ Ibidem, p. 40.

⁹⁷ N.H. *Questions féministes. Histoire d'elles*, n.3, 1977.

⁹⁸ Texto não publicado. Fundo Nicole-Claude Mathieu

deveria ser caracterizada como uma grande simbiose mas como “questionamentos de nossas contradições, como revelação das modalidades dissimuladas e perniciosas da opressão no interior da nossa luta”.⁹⁹ Nesse sentido, a crítica não deve ser tomada como um ataque pessoal, o que seria alheio às intenções da revista. Um discurso se constitui socialmente, afirma Plaza, e o que a interessava eram os “determinantes sociais”. Por isso, não se trata de pensar no indivíduo, mas o “envelopamento” do autor nas regras, esquemas que lhe são exteriores. A crítica deve ser pensada não como uma afronta à unidade, mas como uma forma de construir verdadeiramente uma prática militante:

A crítica é positiva não somente quando permite a instauração de uma forma não moralizadora de solidariedade política, mas também na medida em que ela procede necessariamente de uma análise plena e positiva de nossa opressão, de uma prática militante plena e positiva contra nossa opressão.¹⁰⁰

Cabe ressaltar que o artigo de Plaza seria particularmente atacado. Para N.H, trata-se de uma “crítica impiedosa, para não dizer sangrenta, de Luce Irigaray”.¹⁰¹ Acusa-se até mesmo de desonestidade intelectual no uso de citações.

O antinaturalismo radical do grupo seria outro ponto de discórdia. Mesmo entre aquelas próximas do feminismo revolucionário, essa questão provocou polêmicas. Algumas integrantes de QF afirmam que, embora algumas “feministas revolucionárias” tenham participado da fundação da revista, outras teriam “criticado violentamente” a mesma no momento do seu lançamento na *Maison des Femmes*¹⁰². Christine Delphy relembra em 2011 um debate específico, ocorrido na *Maison des femmes*, local no qual se reuniam as “feministas radicais” e na qual esperavam que teriam um acolhimento favorável. Mas, ao contrário:

[...] nosso editorial coletivo foi duramente criticado porque não dava suficientemente lugar à biologia, ao corpo das mulheres (e, portanto, ao corpo dos homens). Nós descobrimos que estávamos sem base com nossas camaradas; estas reivindicavam a autonomia do movimento de mulheres, recusando subordiná-la à luta de classes e recusando igualmente as teorias psicanalíticas e a neo-feminilidade, mas eles não viam como definir o grupo das mulheres de outra forma senão como grupo constituído por “corpos semelhantes”, ao passo que o que define esse grupo é, aos nossos olhos, uma comunidade de opressão.¹⁰³

⁹⁹ PLAZA, Monique. À propos de la critique [1977]. In : QUESTIONS FEMINISTES. *Questions féministes 1977-1980*. Paris : Syllepse, p.117.

¹⁰⁰ Ibidem, p.117.

¹⁰¹ N.H. Questions féministes. *Histoire d'elles*, n.3, 1977.

¹⁰² Processo comentado- Fundo Nicole-Claude Mathieu.

¹⁰³ DELPHY, Christine. Trente ans de *Nouvelles Questions Féministes*. *Nouvelles Questions Féministes*, vol. 30, n° 2, 2011, p. 7.

A concordância com outras posições políticas defendidas pelo coletivo de QF não implicava à adesão ao antinaturalismo radical proposto. Uma carta, não assinada, sobre essa reunião, posiciona-se contra a valorização da feminilidade, mas recusa um apagamento do corpo:

Sim, eu venho à reunião também com meus úteros, ovários ainda que hoje eu esteja menstruada e com dores nos rins. Negar minha menstruação porque os homens fizeram disso um tabu sexual é um fator de opressão contra as mulheres, é negá-las duplamente e, desta forma, redobrar a opressão ao reprimi-la. Eu não quero nem glorificar meu sangue, nem valorizar essa dor do corpo que sangra, mas dizê-lo porque existe, dizê-lo de forma diferente do que faz o discurso social, tê-lo em conta e não a meu cargo pois é apenas a partir disto que ela se tornará uma simples especificidade inerente a meu corpo de mulher e não uma tara da natureza.¹⁰⁴

Nas resenhas de Storti e N.H., a questão da “diferença” é um dos pontos centrais. “Voulons-nous plus de différence de tout?”, perguntava Storti. N.H, por sua vez, ressalta esse mesmo ponto. A proposta de QF seria a indiferenciação, uma proposta quase totalitária de eliminação de qualquer diferença: “Para nós, não há só uma espécie humana. E essa espécie perceberá inelutavelmente um dia que não há que um só sistema de valores válido, o que permitirá o fim das guerras, dos estupros, dos mosquitos e da luta de classes”.¹⁰⁵

Em resposta a esse argumento, as editoras afirmam que as mulheres “como todos os racializados”, precisam lutar “contra uma especificidade nos impediriam de conservar. mas uma limitação material que nos OBRIGAM a sofrer, sob o pretexto de nossa Natureza de fêmea. Nós não atacamos a especificidade das culturas globais, mas as discriminações internas e próprias aos sistemas opressivos”.¹⁰⁶ Para H.H. a ideia que a “cultura precede a natureza” seria um erro. Ainda na mesma linguagem satírica afirma: “É claramente por um acaso que em todas as épocas e em todos os países (com raras exceções que confirmam a regra), a diferença biológica tenha provocado uma hierarquização em proveito dos a-cliteroídeos (a-cliteroídes)”. Aqui, vê-se que há uma divergência fundamental entre duas propostas. Melhor do que dizer que a cultura precede a natureza, afirmam em resposta, “nós diríamos preferivelmente que a ‘natureza’ é cultural” e repetem o editorial afirmando a necessidade de destruir a diferença de sexos suprimindo a hierarquia que existe atualmente

¹⁰⁴ “Après la reunion ” [texto sem data e sem assinatura]. Fundo Nicole-Claude Mathieu. ARCL.

¹⁰⁵ N.H. Questions féministes. *Histoire d'elles*, n.3, 1977.

¹⁰⁶ Idem.

entre ambos os termos. “Não se pode reivindicar o ‘direito à diferença, dado que isso significa, no contexto atual, o direito à opressão”.¹⁰⁷

Vê-se, nesse momento, como a perspectiva de *Questions féministes* enfrentou resistências de diferentes setores. A ideia de politizar a anatomia, de tirá-la no terreno do puro biológico e apreendê-la como algo que, longe de representar uma base a partir do qual as diferenças culturais são construídas, mas constitui ela mesma um elemento cultural, não era algo fácil a ser aceito pelo conjunto do movimento.

Outras críticas ainda são oriundas de setores do feminismo luta de classes ou de organizações de esquerda. O jornal trotskista *Rouge* reage à ideia de um modo de produção doméstico, embora considerem necessário produzir “uma análise materialista da opressão”. Mas a revista é saudada como “preferindo visivelmente a argumentação à excomunhões categórica”.¹⁰⁸ *Cahiers du féminisme*, ligada ao grupo que publicava *Rouge*, aprovam a crítica ao essencialismo, mas mostram uma discordância fundamental em relação à proposta da revista. Uma das principais críticas é contra a ideia de uma homogeneidade da classe das mulheres, a autonomia do patriarcado em relação ao capitalismo.¹⁰⁹ Abordaremos esse tipo de crítica no próximo capítulo.

Temas de debate

A maioria dos artigos publicados era de autoria dos membros do coletivo de redação. Mas, pelo menos um artigo de cada número constituía uma tradução.¹¹⁰ A partir do número 2, e dentro da proposta de publicar diferentes tipos de textos, são veiculados documentos do movimento, panfletos, abaixo-assinados, chamadas para manifestações, moções, etc. Algumas resenhas de livros publicados em francês e inglês também figuram em alguns números. A leitura desses documentos nos faz revisitar alguns temas chaves para o feminismo desse período.

¹⁰⁷ De quoi est-il question(S) ? (Réponse à l'article sur *Questions féministes*). Fundo Nicole-Claude Mathieu. ARCL.

¹⁰⁸ *Questions féministes*. *Rouge* n.527, 18 décembre 1977, p.12.

¹⁰⁹ *Questions féministes*. *Cahiers du féminisme*, n.2, dezembro de 1977, p. 42.

¹¹⁰ No primeiro número, foi traduzido o artigo “Violence et controle social des femmes” da pesquisadora inglesa Jalna Hanmer; “Antagonisme des sexes dans le Herefordshire” de Ann Whitehead, publicado originalmente num livro organizado por Diana Barker e Sheila Allen (nota), um artigo de Sally Maintyre “Qui veut des enfants?” no n. 3, “Capitalisme, patriarcat et ségrégation professionnelle des sexes” de Heide Gartman, no número 4 publicado originalmente na revista *Signs*; novamente um artigo de Jalna Hanmer, escrito em colaboração com Pat Allen “La Science de la reproduction – solution finale?”; “Le développement contre les femmes” da pesquisadora estadunidense Irene Tinker e duas traduções no último número.

Para além das questões mais “teóricas” e de fundo, podemos destacar alguns temas como: trabalho, estupro, lesbianismo, reprodução artificial, prostituição, entre outros. Alguns desses temas estão diretamente ligados à dinâmica do movimento no final dos anos 1970. Destacamos também temas inovadores como virilidade, delinquência das mulheres assim como uma tentativa de lançar um debate sobre violência e terrorismo.

O estupro, questão amplamente discutida na segunda metade dos anos 1970 na França, é objeto central de três artigos: “Priorité aux violées” de Martine Le Péron (n.3), “Nos dommages et leurs intérêts” de Monique Plaza (n.3), e “Viol en procès” de Marie-André Marion (n.8). O primeiro texto foi escrito por uma advogada feminista e narra as dificuldades ligadas ao debate sobre a penalização do estupro. O segundo artigo é uma crítica violenta às tomadas de posição de Michel Foucault e David Cooper sobre o estupro. O terceiro artigo constitui um depoimento de uma mulher vítima de um estupro.

O registro do nome do MLF pelo grupo Psicanálise e Política em 1979 também é um evento que provocou a publicação de alguns artigos: “Une presse ‘antiféministe’ aujourd’hui: ‘des femmes en mouvements’”, de L.K; “Nouvelles du MLF. Libération des femmes an X”, de Christine Delphy, além de alguns abaixo-assinados. O movimento estava chocado com esse episódio e tentava compreendê-lo.

O lesbianismo torna-se uma questão importante nos dois últimos números. Monique Wittig denuncia um “pensamento *straight*” e o “nódulo de natureza” que resistia à análise: a relação heterossexual. Essa crítica, exposta em “La pensée straight”, tem continuidade no número seguinte com o artigo “On ne naît pas femme” (n. 8). Em “Hétérosexualité et féminisme” (n.7), Emmanuelle de Lesseps lança a questão “Peut-on être à la fois hétérosexuelle et féministe?”.¹¹¹ Como veremos, trata-se de um debate que atravessa o movimento feminista e lésbico e não opõe, como se imagina, lésbicas e heterossexuais mas, como afirma Claudie Lesselier, “análises opostas sobre a teoria feminista ; a interpretação da história do Movimento, as perspectivas de ação e as estratégias”.¹¹² Essa questão será abordada posteriormente.

A revista publicou também uma série de documentos produzidos pelo movimento e ligados a eventos que se desenrolavam nos finais dos anos 1970 na cena feminista francesa e

¹¹¹ LESSEPS, Emmanuèle de. Hétérosexualité et féminisme. In: QUESTIONS FÉMINISTES. *Questions féministes 1977-1980*. Op. cit., p.838.

¹¹² LESSELIER, Claudie. Les regroupements de lesbiennes dans le mouvement féministe parisien. Groupe d’études féministes de l’Université Paris VII (1991) *Crises de la société, féminisme et changement*. Paris, Revue d’en face/Éditions Tierce, p. 96.

também internacional, que constituem fragmentos da história do movimento. Destacamos alguns dessas temáticas abordadas: debates em torno da corrente “luta de classes”, eleições legislativas de 1978, conflitos no seio do PCF sobre a questão do feminismo, eventos ligados à luta pela legalização do aborto assim como ações de solidariedade internacional (por exemplo, logo após à revolução iraniana em 1979 “Femmes enrermées, homo assassinés: en Iran, quelle révolution?”), etc.

Por fim, mencionamos um outro tipo de texto publicado na revista, de caráter mais literário: “Mon prince viendra”, de Monique Wittig, e “La rupture épistémologique fondamentale”, de Maliña Poquez. Como exemplo das utopias feministas que surgiram neste contexto, cito o primeiro parágrafo do segundo texto mencionado:

O relato que se segue conta a aventura amorosa de dois indivíduos que chamávamos na Era intermediária de ‘mulheres’, em oposição aos ‘homens’, dado que a ‘diferença de sexos’ tinha uma importância política fundamental: os homens foram, na sua grande maioria, combatidos e afastados porque se recusavam a perder seus privilégios.¹¹³

Esses textos nos permitem revisitar o humor e a vitalidade de uma reflexão em plena efervescência.

O trabalho militante

Tal como a maior parte da imprensa feminista da época, a revista funcionava com base no trabalho militante das suas integrantes. Mas, diferentemente de jornais como *Torchon brûle*, parte do processo era realizado fora do núcleo central da revista. A revista foi publicada, desde o primeiro número por uma editora militante, a editora Tierce ainda que uma grande parte do trabalho de publicação era realizado pelas integrantes do coletivo de redação da revista. Outro elemento importante é que, tal como muitas publicações feministas da época, *Questions féministes* enfrentou dificuldades financeiras. Os pedidos de assinatura são constantes e alguns documentos internos do coletivo mostram que a questão do financiamento da revista colocou em risco a continuidade da publicação.

¹¹³ PLAZA, Monique. La rupture épistémologique fondamentale. *Questions féministes* (1977-1980). Paris: Syllepse, p. 401.

Numa carta endereçada à *Maison des Sciences de L'Homme*, em busca de recursos financeiros para a publicação, Delphy afirma que a revista era editada por uma editora de pequeno porte que só se encarregava da impressão. Desta forma, o coletivo de redação era obrigado a realizar todas as outras tarefas como datilografia, correção dos manuscritos, tradução e todo o trabalho de formatação e que todo esse trabalho era realizado nas horas livres daquelas envolvidas na produção da revista. Além disso, todos os outros custos eram pagos também pelos membros do coletivo, tirados do próprio salário, como selos, telefone, transporte, etc.¹¹⁴

Segundo Kandel¹¹⁵, a revista tinha uma tiragem de 3.000 exemplares. Para efeito de comparação, podemos citar a quantidade de exemplares publicadas por outras revistas: *Cahiers du féminisme*, *Elles voient rouge*, *Revue d'en face* tinham essa mesma tiragem. Outras tinham uma difusão bem maior como *Histoire d'elle* 30.000 e *Le quotidien des femmes*, publicado pela editora *Des femmes*, 60.000 exemplares.

Temos poucas informações sobre o número de assinaturas. Segundo a revista *Off our backs*¹¹⁶, seriam 200. Os outros exemplares eram vendidos em livrarias, mas também pelas próprias militantes.

Feminist Issues

A ideia de publicar uma versão da revista em inglês parece ter tomado corpo logo após a publicação da versão francesa. Os contatos com Mary Jo Lakeland e Susan Wolf, ambas residentes em Berkeley, começaram no ano de 1978. Monique Wittig, ao que tudo indica, intermediou esse contato.¹¹⁷ As cartas mostram um grande entusiasmo pela publicação em inglês da revista¹¹⁸ mas também as dificuldades para encontrar um editor e conseguir um financiamento para a publicação.

¹¹⁴ 30 DE NOVEMBRO DE 1978. Carta de Delphy à M. Heller.

¹¹⁵ KANDEL, Liliane. Des journaux et des femmes. *Pénélope*, n° 1, 1979.

¹¹⁶ Questions féministes workshop. *Off our backs*, vol. 10, n.1, jan. 1980.

¹¹⁷ 28 de junho de 1978 (Carta) Mary Jo Lakeland e Susan Wolf à Colette, Christine, Emanuelle, Nicole-Claude e Monique.

¹¹⁸ Berkeley, January 24 1979. Carta Mary Jo Lakeland e Susan Wolf à Colette, Christine, Mano, Nicole e Monique.

Paris, le 26 septembre 1978

The "Collectif de Rédaction" of Questions féministes grants to Mary Jo Lakeland and Susan Wolf for the consideration of the sum of one dollar, which has been duly paid, exclusive rights for translation and publication in English of articles in the journal Questions féministes, subject to the following conditions :

- 1) The rights apply only to articles originally appearing in the journal Questions féministes, not to articles reprinted (in the original language or in translation) from other journals.
- 2) Mary Jo Lakeland and Susan Wolf agree to grant to the "Collectif de Rédaction" of Questions féministes, upon request, reasonable rights of translation into English of individual articles for other journals.
- 3) The translations of the articles to be included in the English edition of Questions féministes will be mutually agreed upon by Mary Jo Lakeland and Susan Wolf and the "Collectif de Rédaction" of Questions féministes.
- 4) The rights shall expire at the end of a period of two years, if Mary Jo Lakeland and Susan Wolf do not at that time have in publication or in the process of publication a journal or book utilizing these rights.
- 5) Mary Jo Lakeland and Susan Wolf agree to share with the "Collectif de Rédaction" of Questions féministes any royalties realized from the publication in English of articles from the journal Questions féministes at the following rate : 50 % for Mary Jo Lakeland and Susan Wolf, and 50 % for the "Collectif de Rédaction" of Questions féministes.

Colette CAPITAN PETER

Christine DELPHY

Emanuèle de LESSEPS

Nicole-Claude MATHIEU

Monique FLAZA

Monique WITTIG

C. Capitan Peter

Christine Delphy

E. de Lesseps

M. Flaza

Monique Wittig

Mary Jo LAKELAND

Mary Jo Lakeland

Susan WOLF

Susan Wolf

Um contrato formal foi estabelecido em 26 de setembro de 1978. A publicação sairia, finalmente, no verão de 1980 tendo como editoras Mary Jo Lakeland e Susan Ellis Wolf e como editor *advisory* Monique Wittig. A revista se apresenta como uma tradução de *Questions féministes* embora não seja uma cópia/tradução dessa publicação. No primeiro número consta além do editorial do primeiro número de QF, e os artigos de Monique Plaza e Nicole-Claude Mathieu, dois outros artigos são acrescentados: uma entrevista de Christine Delphy feita por Danièle Leger e o texto de Monique Wittig “The Straight Mind”.

Mas, pouco depois, o coletivo de redação se polarizaria em torno da discussão sobre lesbianismo e feminismo que culminou no fim da versão francesa no final de 1980. Uma outra revista, composta por algumas das integrantes do coletivo de redação de QF, Christine Delphy, Emmanuele de Lesseps e Simone de Beauvoir, lançariam *Nouvelles Questions féministes*, que existe até os dias atuais. *Feminist Issues* continuou a ser publicado após o conflito mas tomou posição por uma das partes e os nomes de Colette Capitan Peter, Colette Guillaumin, Nicole-Claude Mathieu, Monique Plaza figuram como correspondentes a partir do número 3 da revista¹¹⁹ e Monique Wittig como *advisory editor*. O terceiro número é publicado após a ruptura, no verão de 1981. Noelle Bisseret, Colette Capitan Peter, Nicole-Claude Mathieu e Monique Plaza aparecem, nesse contexto, como correspondentes e continuariam a sê-lo até o início dos anos 1990. Monique Wittig publicaria, nos anos 1980, diversos dos seus textos neste periódico.

¹¹⁹ *Feminist Issues*, vol. 1, n.3, verão de 1981.